

EDUCAÇÃO E TRABALHO DOCENTE À LUZ DOS CONCEITOS DE SEMIFORMAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL: IMPLICAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

*Education and teaching profession in the light of semiformation
concepts and cultural industry: implications for contemporary*

*Educación y enseñanza profesional a la luz de los
conceptos semiformación y culturales de la industria:
implicaciones para contemporáneo*

MARTA REGINA FURLAN DE OLIVEIRA
Universidade Estadual de Londrina
marta.furlan@yahoo.com.br

SINÉSIO FERRAZ BUENO
Universidade Estadual Paulista
sinesioferraz@yahoo.com.br

RESUMO O presente texto tem o objetivo de desenvolver um estudo reflexivo sobre a educação e o trabalho docente à luz dos conceitos de semiformação e indústria cultural. A abordagem teórico-metodológica está pautada em Adorno e Horkheimer, que discutem a educação e o processo de formação e semiformação na contemporaneidade. Para esses pensadores, é desafio emergente refletir acerca das possibilidades de resistência à barbárie na educação, como processo de tomada de consciência e autocrítica. Concordando com esse enfoque, entendemos que os profissionais dedicados ao trabalho docente devem estar conscientes dos obstáculos semiformativos inerentes à educação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO; SEMIFORMAÇÃO; TRABALHO DOCENTE.

ABSTRACT This text aims to develop a reflective study on education and teaching work in the light of the concepts of semiformation and cultural industry. The theoretical-methodological approach is based on Adorno and Horkheimer, who discuss the education and

training process and semiformation in contemporary times. For these thinkers, is emerging challenge to reflect on the possibilities of resistance to barbarism in education, as a process of awareness and self-criticism. Agreeing with this approach, we believe that the dedicated professionals to work in early childhood teacher must be aware of the obstacles inherent in the contemporary education semiformative

KEYWORDS: EDUCATION; SEMIFORMATION; TEACHING WORK.

RESUMEN Este documento tiene como objetivo desarrollar un estudio reflexivo sobre la educación y la enseñanza a la luz de los conceptos de la erudición y la industria cultural. El enfoque teórico y metodológico se guía por Adorno y Horkheimer, discutiendo la educación y el proceso de formación y erudición en la actualidad. Para estos pensadores, está emergiendo desafío de reflexionar sobre las posibilidades de resistencia barbarie en la educación como un proceso de toma de conciencia y la autocrítica. De acuerdo con este enfoque, creemos que los profesionales dedicados a la enseñanza deben ser conscientes de semiformativos obstáculos inherentes a la educación contemporánea.

PALABRAS CLAVE: EDUCACIÓN; LA ERUDICIÓN; TRABAJO DE ENSEÑANZA

INTRODUÇÃO

O presente artigo reflete a necessidade de um aprofundamento teórico-metodológico sobre a Educação e o Trabalho Docente à luz dos conceitos de semiformação e de Indústria Cultural, originalmente formulados pelos filósofos alemães Adorno e Horkheimer. De acordo com esses pensadores, sob a lógica social e econômica do capitalismo tardio, a formação cultural (*Bildung*), originalmente voltada para o desenvolvimento de processos subjetivos de formação, foi obstruída em sua dimensão crítica, sendo reduzida à semiformação (*halffbildung*), de maneira a convertê-la em mero processo educativo para a adaptação social. Sob a hegemonia do estado de semiformação, temos como resultado a geração de processos educativos reduzidos a um tipo de pensamento sem reflexão crítica, e perfeitamente adaptado aos moldes da indústria cultural, o que leva o indivíduo a abdicar, pelo processo de adaptação, às possibilidades de autodeterminação e autorreflexão, conformando-se aos padrões sociais. Como resultado dessa redução do trabalho educativo ao imperativo da adaptação social, os horizontes pedagógicos, comprometidos em seus objetivos maiores, voltados para a formação humana, tornam-se objeto de urgente investigação reflexiva.

Esse processo semiformativo, ou como Adorno (1995) chamou, de “semicultura”, é justamente a “difusão de uma produção simbólica onde predomina a dimensão instrumental voltada para a adaptação e o conformismo, subjugando a dimensão emancipatória que se encontra ‘travada’, porém não desaparecida” (ZUIN, PUCCI e OLIVEIRA, 2008, p. 58).

Nesse sentido, esta análise parte de um estudo teórico dos problemas educacionais contemporâneos à luz da teoria crítica da educação. Este estudo está sustentado pela reflexão e compreensão da indústria cultural, a educação e o trabalho docente, a partir das contribuições dos filósofos alemães Theodor Adorno e Horkheimer. Tem-se o propósito, ainda,

de desenvolver um estudo reflexivo sobre os conceitos de indústria cultural e semiformação ancorado no pensamento adorniano e em articulação com o contexto social contemporâneo. Para tanto, se fará necessário entender a educação e o trabalho docente à luz da semiformação e indústria cultural a fim de estabelecer parâmetros de análise na busca de uma ação docente emancipatória. O entendimento acerca da semiformação e indústria cultural se faz significativo com demarcações visíveis, que orientarão a análise: a fragilidade das relações humanas; a dependência em relação à máquina; os sistemas técnicos de controle humano; a limitação do sujeito que se submete à máquina; a predominância do individualismo; a repressão e opressão no conceito de educação e formação humana; o ajustamento individual em conformidade aos padrões sociais.

Em se tratando da semiformação, esta tende a reduzir a individualidade a unidades perfeitamente reguláveis e sujeitas às regras da indústria cultural, pelo pensamento conformista e de acomodação à realidade. A reconciliação entre o indivíduo e a sociedade é forçada, principalmente, pelas relações sociais que exigem a universalização da semiformação, conduzindo à fragilização da individualidade em um conformismo uniformizador (ADORNO, 1995).

Em sua crítica sobre a indústria cultural, Adorno e Horkheimer referem-se à condição humana contemporânea de regressão das massas como sendo uma incapacidade atual dos indivíduos de “poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas” (ADORNO, 1995 p. 47). Sob essa égide evidenciamos o estranhamento da subjetividade em relação ao mundo e à própria negação das condições sociais pela adaptação dos sujeitos, ou seja, a difusão de uma produção simbólica em que predomina a dimensão instrumental voltada para a adaptação e ao conformismo, subjugando a dimensão emancipatória que se encontra “travada”, porém não desaparecida.

Diante desse quadro, se fará necessário pensar, conforme aponta Theodor Adorno em sua obra, *Educação e Emancipação*, como se dão os impactos da semiformação no interior dos processos educativos (ADORNO, 1995). Nesse sentido, o pensador estabelece o seguinte questionamento: Educação, para quê? Na perspectiva de Adorno, podemos pensar como tem sido desenvolvido o trabalho educativo docente, e qual é o estado atual de formação cultural desses profissionais com vistas à emancipação humana. Sob a perspectiva dessa reflexão, o presente texto pretende dedicar-se mais especificamente aos impactos da semiformação no campo educativo.

Referindo-se à hegemonia da semiformação e da indústria cultural, em um processo no qual a cultura converte-se em mero valor de troca, Adorno alerta para a necessidade de “contrapor-se a tal ausência de consciência”, caracterizando como forçada a reconciliação entre o indivíduo e a sociedade que se dá mediante a semiformação (ADORNO, 1995 p. 119). Nesse contexto, pela mediação da sociedade total, todas as relações e emoções se reconvertem exatamente naquilo contra o que se deveria voltar a lei evolutiva da sociedade: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força.

Desse modo, o atual “homem da multidão” tem sua identidade fragmentada em múltiplas funções diante do contato com os atuais aparatos tecnológicos de distração, como a televisão e o computador e da própria unificação do pensamento e da semiformação. Diante disso, podemos afirmar que “a mão que afaga é a mesma que fere”, quando a técnica que poderia nos auxiliar e nos libertar, é a mesma que nos amarra e nos empobrece enquanto humano (ZUIN, 1999). No contexto da sociedade de consumo capitalista, a abundância de mercadorias disponíveis promove a satisfação de falsas necessidades, evidenciando a irracionalidade do aparato técnico:

Atualmente temos as condições objetivas de simplesmente eliminar a fome da face da terra e, ao invés disso, o que observamos é justamente a reprodução da miséria e da barbárie. Possuímos o aparato técnico que nos capacita atingir finalmente a tão sonhada e prometida liberdade, porém nos acostumamos cada vez mais com a perene reprodução das necessidades (ZUIN, 2008, p. 45 e 46).

Diante dessa evidência de ampliação progressiva da expropriação da possibilidade de reflexão e de fazer experiências, a educação acaba reduzida à tarefa de apropriação do conhecimento produzido pelas ciências contemporâneas e, ao ensino resta a função de apresentador desses saberes deixando, portanto, de ser necessariamente um fator de esclarecimento ou transformação. Como resultado, os educadores veem-se envolvidos por um sentimento de impotência, de ilusão, que faz aumentar nossos medos e angústias e nos silencia enquanto professores. Nesse processo, só resta ao professor o papel de “explicador” de saberes. Por mais que tenhamos como meta o pensamento reflexivo e transformador, somos subjugados por esse processo naturalizado que domina e expropria nossa capacidade criadora e reflexiva. Nesse sentido, é imprescindível pensar que, se a função da educação se apresenta, ainda, como função de promover a emancipação, então se faz necessário que esse profissional de educação desenvolva ações críticas em situações de planejamento educacional.

Em seus textos sobre o tema Educação e Emancipação, Adorno denomina como “desbarbarização” a tarefa de resistência aos modelos sociais e educativos padronizados e uniformes. É importante considerar que o pensamento reflexivo e criativo é elemento inerente e propulsor da atividade pedagógica, entretanto, devido ao deslumbramento diante do processo tecnológico, a degeneração do pensamento reflexivo ameaça o conteúdo ético do processo formativo em razão de sua determinação social. A expropriação da possibilidade de pensamento crítico é acompanhada pela semiformação que privilegia o saber técnico em detrimento do saber filosófico, obstruindo a reflexão sobre a educação. A atividade docente transformou-se em mera técnica ou aplicação de conhecimentos produzidos pelas ciências da educação, atendendo à necessidade social de aumento da eficiência, à demanda de qualificação profissional e aos padrões de consumo. A formação vai dissolvendo-se como experiência formativa coisificada e esvaziada de conteúdos que se esgotam na própria relação formal com o conhecimento, impedindo que se forneçam ao professor formas para refletir sobre os problemas que ele enfrenta, e para encontrar meios de solucioná-los ou, mesmo, traduzi-los e narrá-los como experiência.

Dessa forma, pensar a experiência formativa, apreendida em seu sentido emancipatório, abre a perspectiva de resistência ao saber instituído. Para a realização desse objetivo, a apropriação teórica dos fundamentos da teoria crítica pode estabelecer uma consciência crítica de resistência à barbárie e, portanto, de promoção de uma educação para a autorreflexão.

INDÚSTRIA CULTURAL, EDUCAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

Ao buscarmos uma compreensão mais precisa do termo *indústria cultural*, pressupomos diversas contribuições teóricas. Uma das maiores contribuições provém da leitura das obras de Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1885-1973).

A sociedade atual é irremediavelmente o lar da indústria cultural. Tudo tem preço e objetivo de mercado. Tudo parece seguir um padrão predeterminado e padronizado pela lógica do consumo. É certo que palavras, roupas, hábitos alimentares, preferências, estilos e sentimentos sempre foram mais ou menos determinados pela cultura, mas o que se observa, atualmente, é uma seleção dinâmica e superficial de tipos, estabelecidos de acordo com interesses econômicos ou, muitas vezes, apenas identificados e potencializados por eles.

O termo *indústria cultural* foi empregado, pela primeira vez, no livro *Dialética do Esclarecimento*, que Adorno e Horkheimer publicaram, em 1947, em Amsterdã. Sabe-se que a obra é oriunda, aparentemente, de uma carta escrita por Adorno a Horkheimer, na qual se menciona a expressão como sinônimo da dialética entre cultura e barbárie, que já se anunciava no início do século XX e que se constitui em uma das principais contribuições do texto de Adorno às formulações centrais da obra de dialética (ADORNO, 1977).

Numa leitura ampla do termo, percebemos que a indústria cultural integra e administra os níveis do comportamento social como parte integrante das necessidades simbólicas dos indivíduos no contexto mais amplo do desenvolvimento da sociedade industrial. Utiliza a tecnologia e é viabilizada por ela. É, ao mesmo tempo, ferramenta e produto do sistema capitalista, sendo a própria voz do sistema; caracterizada por sua dimensão acultural, técnica, consumo de massas e mercadoria. Adorno afirma que a cultura “simula uma sociedade digna do homem, o que não existe [...]” (ADORNO, 1993 p. 36).

O princípio civilizatório de uma dimensão cultural mais autêntica desloca-se em processos de dimensões estéticas e/ou culturais esvaziados desse sentido, para reduzir-se a uma dimensão de diversão e lucro cuja finalidade é subsumir o sujeito à lógica do mercado de que se constitui a totalidade da organização social. A cultura e a arte, antes vias de expressão e contestação, transformam-se em mercadorias reproduzidas em série e designadas de acordo com os interesses do sistema econômico capitalista.

Nesse sentido, a produção da cultura e da arte superior no estilo da indústria cultural nada mais é do que mercadoria cultural, que deve ser absorvida pelos consumidores que se tornam, segundo Adorno, não o sujeito, mas o objeto dessa indústria pelo processo de adaptação, ou seja, semiformação. Nesse sentido, Adorno, ao anunciar a indústria cultural enquanto prestadora de serviço ao cliente, afirma:

Não se trata tanto para a indústria cultural de adaptar-se às reações dos clientes,

mas sim de fingi-las. Ela as inculca neles ao se comportar como se ela própria fosse um cliente. Seria possível suspeitar que todo esse ajustamento, ao qual ela assevera obedecer também, é ideologia; as pessoas se esforçariam tanto mais para se igualar às outras e ao todo, quanto mais empenhadas estivessem – através da igualdade exagerada, esse juramento público de impotência social – em participar do poder e em minar a igualdade. [...] A indústria cultural modela-se pela regressão mimética, pela manipulação de impulsos de imitação recalçados. [...] Ela consegue fazê-lo tanto melhor quanto mais, em um sistema estabelecido, ela pode contar de fato com tal assentimento, precisando muito mais repeti-lo de maneira ritual do que, a rigor, produzi-lo. O que ela produz não é um estímulo, mas um modelo para maneiras de reagir a estímulos inexistentes (ADORNO, 1993, p. 36).

A cultura veiculada sob essa perspectiva da indústria cultural dissemina padrões comportamentais de ajustamento dos indivíduos ao processo mais amplo de circulação do capital, constituindo, assim, a padronização de comportamentos, desejos, ideias, conformes à mercadoria. Nesse processo, a razão fica submetida ao imediatismo, ao cálculo e à objetividade. Tudo se resume a fatos e números e aquele que não compactua dessa verdade é praticamente excluído do contexto.

Adorno e Horkheimer (1985 p. 38-39) afirmam que, “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade”. Assim, “toda a pretensão do conhecimento é abandonada”. Adorno (1985, p. 21 e 38) esclarece-nos que quanto mais se afasta do conceito e da possibilidade de negação, tanto mais o pensamento conforma-se com a mediocridade e com a repetição. Para os autores, “quanto mais a máquina do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução”.

Nesse sentido, o que percebemos é um definhamento pela humanidade do seu elemento crítico, atuando como mero instrumento a serviço da ordem existente. O pensamento se vê privado “não só do uso afirmativo da linguagem conceitual científica e cotidiana, mas igualmente da linguagem da oposição” (ADORNO, 1993, p. 118). As massas acabam por absorver submissamente as verdades da ciência positiva.

Adorno afirma:

É ainda muito otimista pensar que o indivíduo esteja sendo liquidado como osso e tudo. Pois mesmo na sua negação pura e simples, na supressão da mônada através da solidariedade, estaria plantada ao mesmo tempo a salvação do ser singular, que apenas na sua relação com o universal tornar-se-ia um particular. A situação atual está muito distante disso. [...] Em meio às unidades humanas padronizadas e administradas, o indivíduo vai perdurando. [...] Seu temperamento vivo e sem inibição, suas ideias inesperadas, sua originalidade, ainda que isso não passe de uma particular feiura, até mesmo sua algaravia, transforma o que é humano em traje de clown. Submetidos ao mecanismo universal da concorrência e não podendo se adequar ao mercado nem se impor nele de outra forma que não seja através da fixação de sua alteridade, mergulham de maneira

apaixonada no seu próprio privilégio, exagerando a tal ponto que chegam a eradicar por completo aquilo que são tomados. Eles se vendem como fornecedores de calor humano em meio a frieza comercial [...] (ADORNO, 1993, p. 118).

Veiculados nos aligeiramentos e imediatismos informativos, os conteúdos culturais e educativos sustentam um empobrecimento civilizatório que resulta numa formação social regressiva que enquadra os indivíduos nos modelos do mercado e da produção pelo processo da adaptação e da consciência coisificada. Esse empobrecimento civilizatório nada mais é do que o conjunto de características próprias à vida social coletiva, acarretando ações bárbaras e violentas, próximas do meramente instintivo, atitudes comportamentais reducionistas e imitativas, como o “ignorante feliz, o egoísta simulado, o auto-referente venerado, a idolatria das celebridades narcísicas, a estereotipia corporal, o intelectualismo postiço, o mercantilismo estético, mistificação religiosa do desamparo político” (DUARTE, 2003, p. 21).

Ainda, a indústria cultural, com todos os seus artefatos, provoca a composição de uma espécie de comutação da consciência humana, que é, necessariamente, a repetição mecânica da consciência forjada no contexto da racionalidade instrumental, configurada pelo pragmatismo cultural que tomou conta do ambiente social massificado da atualidade. Sem dúvida, um cenário no qual é possível vislumbrar verdadeiros consumidores compondo a malha social alienante e, ainda, divididos e subdivididos em níveis de consumo. Cada grupo está mapeado e deve consumir a gama de opções à sua disposição. Há mercados para todos os tipos de consumidores em todas as áreas: alimentação, vestuário, imóveis etc.

Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 116).

No que se refere, ainda, à indústria cultural, explicitamos que ela adapta os produtos ao consumo das massas e determina o próprio consumo, enquanto estratégia vertical para com os consumidores. Nesse propósito, reduz a humanidade às condições que representam seus interesses; alia-se à ideologia capitalista e contribui para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza.

Conteúdos culturais mais consistentes, capazes de fornecer instrumentos críticos de leitura e decodificação das contradições sociais, tornam-se narrativas diluídas no processo de pasteurização decorrente da avalanche cultural massificada. Esse processo de manipulação cultural, todavia, cada vez mais intensifica certa aversão pela herança cultural que fundamenta e consolida princípios sociais e formativos necessários ao convívio humano em sociedade. O empobrecimento cultural daí decorrente não só debilita a identidade do indivíduo, como também desmobiliza experiências comuns para estabelecerem novas e diferentes narrativas no sentido de sua autonomia.

Em contraposição e resistência a essa massificação do sujeito, temos a chamada Teoria Crítica da Sociedade em Adorno que se torna expressão da leitura crítica que, levando em consideração o contexto de seu surgimento, não se esconde atrás de uma suposta neutralidade científica e “se posiciona claramente contra o processo de espoliação (seja por privação humana seja por fraude, massificação, alienação, violência simbólica) que o capital vem protagonizando há alguns séculos [...]”, especialmente no tocante à utilização intensiva dos meios tecnológicos no sentido de desinformar e dessensibilizar, em benefício próprio, as legiões sempre maiores de despossuídos e ignorantes (DUARTE, 2003, p. 9).

É nesse prisma que assistimos às críticas de Adorno referentes à sociedade do consumo e da mercadoria, em que a indústria cultural alega guiar-se pelos consumidores e lhes fornece aquilo que desejam. Narrativas mais consistentes e autênticas interpretam e identificam contradições ocultas ou mal nomeadas que se impõem como determinantes da realidade social engendrada pelo modelo econômico dominante. A estrutura interpretativa da realidade, que tais narrativas diferenciadas traduzem, permitiria ao indivíduo vivências reflexivas como possibilidades de experiências que ampliam sua capacidade de autodeterminação na vida social.

O modelo teórico-crítico iniciado por Adorno, com Horkheimer, a todo o momento faz menção à cultura massificada. É interessante afirmar que, por meio da ideologia da indústria cultural, cada produto apresenta-se como individual. A individualidade mesma contribui para o fortalecimento da ideologia. Adorno salienta o despertar da ilusão de que aquilo que é coisificado e mediatizado é um refúgio de imediatismo e de vida.

Nesse sentido, acreditamos que, conforme contribuições de Adorno e Horkheimer, o ponto comum entre eles consiste na visão crítica da sociedade em que o ingresso na “felicidade de massas” cobra seu preço e, ainda, se recusa em aceitar a tendência à mediocridade e à submissão, estimulada pelos bens culturais de massa.

Diante desse paradoxo social, vemos a propagação desses moldes na educação e no trabalho docente pelo processo da semiformação e adaptação aos fetiches tecnológicos e da mercadoria via indústria cultural. Nesse sentido, buscamos definir categorias de processos críticos, criativos e científicos pela materialização dos fundamentos da Teoria Crítica, a fim de que os parâmetros de análise possam ser estabelecidos na discussão sobre a formação e atuação docente na educação da primeira infância.

Nesse sentido, Adorno afirma a existência de possibilidades para a contradição e para a resistência no interior dos processos educativos, desde que pelas propostas educacionais se desenvolva o conhecimento com vistas à reflexão, à criticidade; principalmente quando desde a primeira infância seja possibilitado o despertar da consciência de que os homens são enganados de modo permanente. Becker confirma esse pensamento adorniano ao afirmar:

Penso ser necessário que, desde o início, na primeira educação infantil, o processo de conscientização se desenvolva paralelamente ao processo de promoção da espontaneidade, e neste sentido é extremamente interessante verificar como a metodologia da *preschool-education* (educação pré-escolar) dos Estados Unidos é muito mais imaginativa na invenção de métodos neste campo,

simplesmente porque, para ela esta necessidade colocou-se antes [...] (ADORNO, 1995, p. 147).

Ao contrário das afirmativas citadas, diante dessa condição de semiformação há a expropriação da possibilidade de reflexão e de realização de experiências autônomas, empobrecendo os processos imaginativos, criativos, críticos e científicos do homem moderno. Essa condição social acaba sendo reproduzida em ambientes educacionais, por meio da utilização de modelos mecânicos e fragmentados, com fórmulas consagradas e padronizadoras de ensino. Dessa forma, a escola contemporânea reproduz a lógica do consumo e da indústria cultural, tornando-se um lugar de propagação da semiformação e da barbárie, pelo processo da submissão, reprodução servil do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a intenção de finalizar a discussão acerca da indústria cultural, Educação e Trabalho Docente, acreditamos que o profissional que atua neste contexto atual tem o desafio de articular os conhecimentos e leituras de mundo nas práticas pedagógicas com a tomada de consciência em favor da superação da capacidade formal e unificadora do pensar. Neste sentido, Adorno afirma que:

Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. [...] Pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação (ADORNO, 1995, p. 151).

Diante das afirmativas citadas, é inegável que existe consenso de que a principal tarefa da escola é desenvolver nos alunos a capacidade de pensar e de tomar decisões, o que significa ir além das formas reprodutivistas do pensamento e do conhecimento preestabelecidos.

Em Adorno, mesmo não sendo um teórico da educação, podemos buscar um arcabouço substancial de análise para a educação e para o trabalho docente, com vistas à resistência frente ao que está posto pelos moldes sociais e econômicos. Com propriedade, ele afirma que pela educação, enquanto processo de análise e reflexão dialética sobre o desenvolvimento e a decadência da cultura e da sociedade, há a possibilidade de se estabelecer práticas de resistência contra a barbárie pela tomada de consciência, de autorreflexão e autodeterminação pelos indivíduos.

Nossa tarefa, assim, é pensar o trabalho docente na educação para a primeira infância que supere a visão utilitarista e fetichizante do ensino, em favor de uma experiência do pensar no seu sentido emancipatório, como possibilidade de resistência ao instituído pela lógica do consumo e da indústria cultural.

Entendemos que a apropriação de uma teoria embasada nos fundamentos da teoria crítica permite uma leitura para além da utilidade e padronização humana, devolvendo,

efetivamente, aos espaços educativos e, especificamente, ao educador o exercício de sua atividade intelectual. Afirmamos, contudo, que o ser humano, apesar de ser condicionado pelo social, não é necessariamente determinado por ele, daí a importância de uma formação que considere a criticidade, a reflexão e a criatividade dos alunos, em qualquer nível de ensino, a fim de que os valores sociais sejam absorvidos pelo indivíduo a partir de critérios de criticidade e reflexão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. L. W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**, 4. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

_____; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Mínima Moralía**. Reflexões a partir da vida danificada. Trad. Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang L. Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia**. Campinas: Autores Associados, 1999.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Submetido em: 25-11-2014

Aceito em: 4-5-2015